

**5/7/1986**

**Bóias-frias: a greve se alastra no Interior.**

A assinatura de um acordo entre patrões e empregados, no dia 25 último, não está impedindo que os apanhadores de cana-de-açúcar das várias regiões do Estado paralise suas atividades, começando por pequenos municípios da Grande Campinas, com uma estratégia que se caracteriza pela distância da mais tradicional região grevista do setor — Guariba. Dentro dessa linha de atuação, já estão parados seis mil canavieiros de Mogi-Guaçu, Conchal, Araras e Cosmópolis, registrando-se crescente mobilização em direção ao Norte do Estado.

Essa tendência pode ser deduzida da situação de "descontentamento" dos volantes filiados ao Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura da Região de Araraquara. Segundo informa o presidente da entidade, Donizeti Aparecido Passador, os canavieiros ainda esperam que as usinas cedam em alguns pontos, "concedendo, principalmente, a produtividade de 2% para os fornecedores de cana, neste ponto diferenciados dos empregados nas usinas e destilarias".

A principal reivindicação da categoria continua sendo o pagamento do corte de cana-de-açúcar por metro linear, uma forma que eles consideram mais justa do que a, ainda válida, que parte do pagamento por tonelada. Donizeti Passador diz que, pela sistemática vigente, os trabalhadores recebem Cz\$ 12,61 por tonelada de cana-de-açúcar de 18 meses e Cz\$ 12,03 por tonelada de cana mais nova, "o que daria algo em torno de Cz\$ 0,70 por metro linear". Durante as negociações com os patrões, os sindicatos de trabalhadores reivindicaram Cz\$ 1,00 por metro linear cortado de cana em pé e Cz\$ 1,30 por metro linear de cana deitada.

Esse "descontentamento" tardio dos trabalhadores rurais é justificado por Donizeti Passador como decorrente de aceitar a proposta dos patrões com os 25% de produtividade. Existe o medo de que, no julgamento do dissídio, o TRT corte esse índice.

A primeira paralisação dos canavieiros eclodiu em 23 de junho em Mogi Guaçu e logo depois chegou a Conchal e Araras, com três mil trabalhadores em greve. Na última quarta-feira, entretanto, o movimento foi considerado ilegal, mas os trabalhadores não voltaram aos canaviais, preferindo se dedicar a outras atividades, como a colheita da laranja. Nessa mesma quarta-feira, a greve foi declarada Cosmópolis, onde está situada a usina Esther, da família Coutinho Nogueira. São mais três mil trabalhadores parados, com o mesmo elenco de reivindicações salariais, além de outras três de caráter social: uma hora para almoço, meia hora para café e garantia de não demissão parara os grevistas.

**(Página 11)**